



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

O CONCEITO DE MAL: ONTOLÓGICO, MORAL E FÍSICO
SEGUNDO SANTO AGOSTINHO

UESLEI VAZ AREDES

ANÁPOLIS

2017

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

**O CONCEITO DE MAL: ONTOLÓGICO, MORAL E FÍSICO
SEGUNDO SANTO AGOSTINHO**

UESLEI VAZ AREDES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Católica de
Anápolis no curso de licenciatura em
filosofia na disciplina TCC sob a
orientação do Professor Pe. João Batista

ANÁPOLIS

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

UESLEI VAZ AREDES

O CONCEITO DE MAL: ONTOLÓGICO, MORAL E FÍSICO SEGUNDO SANTO AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso defendida no curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis, para a obtenção do título de Bacharelado, aprovado em ____ de _____ de 2017, com nota _____ avaliada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.

Presidente da Banca

Prof.

Membro titular interno

Dedico este trabalho a Deus, criador de todas as coisas.

Ao meu pai Gercino Machado Aredes e minha mãe, Iranilda Vaz Aredes. Ambos ensinaram-me a não ter vergonha e sim, orgulho de ser de família humilde, simples e pobre.

Aos meus irmãos Marcos Vaz Aredes e Márcio Vaz Aredes. Ambos ensinaram-me que cada pessoa é singular. E mais, cada ser humano é bom independentemente da sua conduta.

A DEUS UNO E TRINO

RESUMO

O presente trabalho pretende demonstrar a concepção de mal ontológico, moral e físico. Demonstraremos a visão maniqueísta com a qual Santo Agostinho conviveu parte de sua vida, o mal ontológico, por conseguinte, demonstraremos a visão agostiniana do mal moral, ou seja, a adesão à vontade e, por fim, o mal físico, a consequência do pecado.

Palavras-chave: mal, livre arbítrio, pecado, consequência, morte.

ABSTRACT

This work intends demonstrating the conception of ontological, moral and physical evil. It demonstrates the Manichaeian view, with which Saint Augustine lived a part of his life, the ontological evil. Therefore, it demonstrates the Augustinian view of moral evil, that is, adherence to the will and, finally, physical evil, the attainment of sin.

Keywords: evil, free will, sin, consequence, death.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 AGOSTINHO E O MANIQUEISMO	10
3 O MAL MORAL: O PECADO	20
3.1 LIVRE ARBRÍTRIO: O homem é responsável pelos seus atos.....	23
4 O MAL FÍSICO E A MORTE: Consequência do primeiro pecado	29
5 CONCLUSÃO	36
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1 INTRODUÇÃO

As pessoas estão correndo de um lado para o outro à procura da felicidade. Este correr atrás da felicidade de forma descompassada faz com que defrontem com o mal.

A liberdade e a vontade determinam nossas ações. A liberdade está na escolha da vontade. O homem sendo dotado de razão, faz com que ele seja superior aos demais animais. A razão é superior à vontade, pois, existe no homem uma luta constante entre o querer e o não-querer. Amiúde exclama o Apóstolo: “Não consigo entender nem mesmo o que faço; não faço o bem que quero e sim o mal que não quero” (Rm 7, 15).

Agostinho para refutar a tese dos maniqueus em que tudo já está determinado, parte deste pressuposto: Deus é sumo Bem. Toda sua criação é boa. “Deus criou o homem pouco abaixo dos anjos” (Sl 8,4). Dotado de razão e liberdade, o primeiro homem caiu no pecado. O pecado, mal moral, é o afastamento da criatura de seu Criador. Deste movimento de aversão, o homem se vê grande, poderoso, mas devido à razão, à Graça e a liberdade, ele é capaz de reconhecer que sua miséria é consequência do mal moral, o pecado.

Mas será o pecado uma maneira de justificar a morte? Deus, sendo justo pune aqueles que praticam a injustiça. Deste modo, através do mal moral, o mal da alma recai no corpo que é frágil e perecível.

Mesmo o mal sendo o oposto do sumo Bem, o sumo Bem é superior ao mal. Então, porque Deus, sendo Bom e querendo os seus felizes, deixa a desgraça alcançá-los? O mal não vem de Deus e nem está centrado em Deus, mas no homem. O homem, por ter o livre arbítrio afasta-se do seu Criador. Afastando-se do Criador, que é o sumo Bem, cai no mal. E por praticar o mal moral, fica sujeito ao mal físico.

Este trabalho procura refletir sobre as constatações a respeito do mal: o que é o Mal? De onde vem? Suas consequências? O mal individual e o mal coletivo. Faremos uma análise do conceito de mal segundo Santo Agostinho. Analisaremos o mal em três sentidos, a saber; o mal ontológico, moral e físico.

No primeiro capítulo será tratado do mal ontológico, onde Agostinho refuta a tese maniqueísta que afirma que o homem possui duas almas antagônicas que lutam entre si. Sendo Deus, pois, o responsável, nesta perspectiva maniqueísta, pelo bem e pelo mal; no segundo capítulo, será tratado do mal moral, como pecado, tendo sua origem na vontade má ou no livre arbítrio. Agostinho combate a heresia maniqueia afirmando que não é Deus o responsável pelo mal, mas o homem. Deus é autor e responsável apenas pelo bem, pois o livre arbítrio é um bem. Deste modo, para Agostinho, se o homem não fosse livre Deus não poderia puni-lo, e mais, a mesma vontade que tende para mal é que faz o homem retornar para o bem; no terceiro capítulo, será tratado do mal físico. Assim como para todo efeito existe uma causa, a causa do mal físico é o mal moral. Por consequência do pecado o homem fica sujeito a pagar na carne o mal praticado e a sofrê-lo.

2 AGOSTINHO E O MANIQUEISMO

Neste capítulo vamos tratar do mal ontológico na perspectiva maniqueísta. Como e porque Agostinho aderiu à seita maniqueísta. O que o levou a se desiludir dessa seita. A fonte principal deste capítulo será a obra “As Confissões” de Santo Agostinho com auxílio da obra O Problema do Mal na Polêmica Antomaniqueísta de Santo Agostinho de Marcos R. N. Costa.

Segundo Reale e Antiseri (1990), Aurélio Agostinho nasceu em 354 em Tagaste, na África. Seu pai Patrício era um pagão. Sua mãe Mônica era uma cristã fervorosa. Depois de ter frequentado a escola em Tagaste conseguiu ir para Catargo para realizar retórica. Sua formação cultural realizou-se em língua latina. Para Agostinho, Cícero manteve-se durante muito tempo como modelo e referência.

Agostinho chegou à Milão entre 384-386 em grande crise existencial e espiritual. Em 387 recebeu o batismo do Bispo Ambrósio. Em 391 foi ordenado sacerdote. Em 395, foi consagrado Bispo. Na cidade de Hipona travou grandes debates contra os cismáticos e heréticos, e aí escreveu obras importantes. Morreu em 430 quando os vândalos sitiavam a cidade.

Já o maniqueísmo é uma seita que se espalhou nos primeiros séculos pela Pérsia, Egito, Síria, África do Norte e Itália. A seita foi fundada por Manés, o qual foi perseguido pelo rei e magos de seu país, a Pérsia, e teve que se refugiar na Mesopotâmia. Quando retornou à pátria foi esfolado e atirado às feras.

Os maniqueus construíram uma doutrina que delega a Deus toda a responsabilidade pelos males existentes no universo, inclusive pelos males praticados pelo homem individualmente. O mal fica centrado em Deus.

A seita misturava as doutrinas de Zoroastro, de Buda e do cristianismo. Para eles, desde a eternidade existem dois princípios ontológicos-metafísicos-materialistas: do bem e do mal. O primeiro se chama Deus, onde domina o reino da Luz, ou seja, Deus é a luz que só pela razão pode percebê-lo. O segundo chama-se Satanás, rei das Trevas, é mal por natureza, é matéria contaminada (Cf. COSTA. 2002. p. 60-68).

Segundo a doutrina maniqueísta, houve uma grande luta entre os dois reinos. Os demônios contraíram algumas partículas de luz. Então, Satanás criou Adão e

colocou partículas de luz que formariam e seriam as almas dos homens. Assim, a matéria (homem) é composta de Luz (Bem) e Trevas (Mal). Deste modo, o homem é composto de corpo, alma e espírito. O corpo provém do mal (matéria corrompida), a alma é cheia de apetites e controlada pelo rei das trevas e o espírito provém de Deus. Assim, o homem é bom e mal ao mesmo tempo (Cf. COSTA. 2002, p. 60-68).

A seita se preocupou com a origem do mal, sendo uma doutrina dualista que pregava a causa do mal no mundo centrado em Deus. Para eles, desde a eternidade existem dois princípios, o Reino da Luz e o Reino das Trevas. O primeiro está situado no alto e é a casa do Pai da Grandeza, que se chama Deus e seu domínio é o Reino da Luz. Apesar do Deus dos maniqueus ter uma natureza espiritual, ele é diferente, pois é corpóreo, infinito e ilimitado. Eles desenvolveram uma teologia solar na qual Deus apresentava uma força física, como luz composta de cinco formas: luz, beleza, paz, vida da alma humana e força da cruz de luz. De modo, que a doutrina era panteísta. O segundo, Reino das Trevas, o seu chefe tem domínio das Trevas, sendo físico, ilimitado e infinito. E composto por cinco formas: trevas, água turva, vento, fumo e fogo (Cf. COSTA. 2002, p. 69-70).

A história gnóstica da salvação maniqueia está dividida em três tempos: início, meio e fim. O primeiro, início ou passado, engloba as origens cósmicas dos princípios ontológicos dos dois Reinos. O segundo, meio ou presente, é o tempo da mistura entre os dois reinos onde se explica a queda de uma partícula de luz na matéria e o início da luta entre os dois reinos. O terceiro, final ou futuro, será o retorno da luz às suas origens na qual serão separadas as partículas de luzes das matérias (Cf. COSTA. 2002, p. 58-100).

Para os maniqueus existem dois princípios ontológicos e não dois deuses. Entre os dois princípios, ambos não se conheciam até que um dia o Príncipe das Trevas viu a bela Luz. Cheio de ciúme e inveja, provocou grande transtorno. Então, transformou os cinco elementos em cinco criaturas: das trevas formou as serpentes; das águas formou os animais nadadores; dos ventos formou as aves; do fogo formou os quadrúpedes e da fumaça formou os homens. O Príncipe das Trevas tinha cinco filhos que eram representados por demônios nas formas: leão, água, peixe, serpente, metais e sabores. Enfurecido, atacou o Príncipe da Luz. O Príncipe da Luz para se defender criou o Homem Primordial ou a Segunda Grandeza que é a

alma do Pai. Este para se defender gerou cinco filhos: éter, ar, luz, água e fogo que lhe formava uma armadura (Cf. COSTA, 2002, p. 69).

Durante a batalha a Luz se misturou com a matéria corrompida. Não resistindo à batalha, a Luz e seus filhos foram aprisionados pelos arcanjos do mal. Portanto, foi necessário vir um salvador para libertar as partículas da Luz. Entretanto, coube ao Espírito Vivificador libertar o Homem Primordial. Para salvar o Homem Primordial, o Espírito Vivificador teve que criar o sol, a lua, as estrelas, os cinco planetas e os colocaram em movimento.

Mesmo o Espírito Vivificador salvando o Homem Primordial e seus filhos, ainda ficaram algumas partículas de Luz pairando entre as Trevas. Foi necessário emanar o Terceiro Enviado que tomou uma bela forma feminina de uma virgem da luz, que na sua desnudez excitou os desejos carnis dos arcanjos do mal, que espalharam seus espermias na terra úmida. De acordo com o maniqueísmo, o pecado recaiu sobre a terra e fecundou toda a sua superfície gerando todos os tipos de seres, inclusive os seres humanos. A esse respeito expõe Costa:

Todos os seres vivos, vegetais e animais, inclusive a primeira dupla humana – Adão e Eva – e seus descendentes são frutos da mistura entre a matéria e a luz, portanto são compostos de duas partes: corpo sensível, que corresponde a forma bestial dos acordos do mal, cheios de apetites ou libidos, total dominado por Satanás (...) e de espírito, ou alma, fragmentos de luz ou emanção de Deus, mas que está presa ao corpo e suas consequências (COSTA, 2002, p. 75).

E continua,

Para os maniqueus, nenhum ser vivo nasceu diretamente de Deus, ou melhor, nenhum ser é composto apenas por alma boa, exceto os seres etéreos (...) o Homem Primordial e o Espírito Vivificador. Os demais são uma mistura e trazem em si as duas naturezas: a alma – o bem – e a matéria – o mal (COSTA, 2002, p. 76).

Para libertar a alma da matéria, o Pai da Grandeza resolveu enviar Jesus. Para os maniqueus, Jesus é apenas um profeta arauto da libertação. Era um Espírito de Luz, um Grande Pensador. Coube a ele clamar por libertação. Essa libertação se dá através do *Nôus* (espírito) e da inteligência. Eis porque Agostinho se deixou enganar por tanto tempo. A alma torna-se prisioneira do corpo e através da presença de Jesus a alma se torna consciente e se liberta do corpo. A missão de Jesus era libertar as pessoas para salvar a si mesmo, pois a alma de cada homem pertence a si mesmo. A Luz atrai outra Luz e fica mais forte.

Com Manés inicia a última luta entre os dois reinos. Retoma as origens e começa a última fase do plano da libertação. Para prevenir das várias interpretações que poderiam dar a sua religião, escreveu o que foi revelado e deveria ser seguido por seus discípulos. Sua mensagem apresenta a última chamada para a conversão. Os sete livros escritos por Manés estão escritos na língua persa e sírica. Divide-se em 1º - Livro dos Mistérios; 2º - Livros dos Gigantes; 3º - Livro dos Preceptores; 4º - Livro Shôpurakâr; 5º - Tesouro da Vivificação; 6º - Farakmatija e 7º - O Evangelho de Manés (Cf. COSTA. 2002, p. 94-95).

Agostinho viveu num século de grande fervor do cristianismo. Ele não via Cristo como sofredor, crucificado e morto, mas como a Grandeza do Verbo de Deus. A imagem de Cristo que trazia para si era de um Mestre que com sua sabedoria ensinava seus discípulos. Foi a procura desta sabedoria não encontrada na Escritura que fez com que Agostinho ficasse decepcionado com as Escrituras.

Agostinho procurava nas Sagradas Escrituras não um alimento espiritual, mas uma explicação racional para os problemas na humanidade. Procurava uma resposta para o problema do mal. Como não conseguiu de imediato achar uma resposta, encontrou no maniqueísmo uma resposta satisfatória.

O que levou o jovem errante aderir a seita maniqueísta foi justamente a leitura de *Hortensius*, de Cícero, que despertou nele o desejo de encontrar a Verdade, mas o que contribuiu para a adesão foi exatamente a ausência do nome de Cristo e a leitura fracassada da Bíblia. Ele ficava imaginando: como é possível reconciliar as maldades presentes no mundo com a bondade de Deus? Deus, o Bem, pode ser causa do mal?

Para os maniqueus, o Príncipe do Mal, Satanás, mantém a alma do homem prisioneira na matéria, o corpo. O processo de salvação ou libertação se faz pela ação do uso da razão. A alma do homem é prisioneira do corpo. Jesus, por ser a Sabedoria, o Verbo de Deus, abre a consciência do homem para salvá-lo e salvar a si mesmo. Na ótica panteísta da seita, a alma do homem é parte de Deus. Como alega Agostinho:

Eu, porém, pensava de outra maneira, e somente imaginava o meu Senhor Jesus Cristo como um homem de excelente sabedoria, que ninguém poderia igualar, sobretudo porque nasceu maravilhosamente de uma virgem, para nos dar exemplo de desprezo das coisas temporais e adquirir a imortalidade divina (AGOSTINHO, 1996, p. 192).

Os maniqueus defendiam que Cristo não era a encarnação do Verbo de Deus em um corpo humano, pois, Cristo não precisava de um corpo humano, Ele era apenas um Espírito de Luz.

Durante sua adolescência, cheio de dúvidas sobre a causa do mal e o por que o praticamos, Agostinho acreditou que ali no maniqueísmo teria achado a verdade, como nos explica Costa:

No maniqueísmo Agostinho pensou ter encontrado uma resposta para o problema do mal moral no homem, ou seja, para a sua má conduta moral, pois ali acreditou com intensidade que não era totalmente livre, mas que sua liberdade somente poderia identificar-se com uma parte dele mesmo, a sua alma boa (...). Julgava, portanto, que ele pecava não voluntariamente, mas que estava deterministicamente programado a fazer o mal. Ou seja, no homem, há uma alma ontologicamente boa, um “eu original”, consubstancial com Deus ou o Bem, mas que, na fusão com o corpo, se vê envenenada por tendências perversas, passando a ser uma alma má, um “eu demoníaco”, uma “consciência sombria”, ou inteligência obscura (COSTA, 2002, p. 101).

A visão da seita do mal é que ele é algo natural, e não moral. Durante o envolvimento de Agostinho na seita, ele acreditava que o mal que praticava não era responsabilidade sua, mas que era algo involuntário e inevitável, já estava tudo determinado por causa da parte contaminada pelo mal.

Assim, como todas as religiões têm seus dogmas, no maniqueísmo existe este paradoxo:

A alma, por sua própria força, ou o homem, por si mesmo, deveria e poderia libertar-se das amarras do mal e alcançar o Reino da Luz, mediante um processo de autoconsciência, ou autodesalienação, pelo qual o espírito adormecido e obscuro no interior da matéria toma consciência de si, despertando nele o desejo de salvação (COSTA, 2002, p. 104-105).

O Deus dos maniqueus é corruptível, pois, o bem se corrompe pelo mal. Deste modo, o homem tem ao chamado do Pai da Grandeza. Levando uma vida ascética o homem consegue libertar-se das amarras do corpo e libertar a alma para as luzes. O processo de salvação ou libertação faz parte de um processo de separação entre os dois Reinos. Segundo a moral maniqueia, os que optam pela vida ascética devem seguir cinco mandamentos:

a) Dizer sempre a verdade – ou não mentir; b) a não-violência – ou não matar; c) Comportamento religioso – ou não comer carne e não beber bebida alcoólica; d) Pureza da boca – ou ser puro; e) Bem-aventurança – ou pobreza (COSTA, 2002, p. 106).

Devido ao contato com o maniqueísmo Agostinho acreditava que o mal que praticava não era responsabilidade sua, mas que era algo involuntário e inevitável. Isso o intrigou durante toda a sua adolescência, ou seja, na ótica maniqueísta o mal está deterministicamente subordinado e marcado pela parte má, sendo assim, não somos os responsáveis pelo mal praticado. A responsabilidade recai sobre o princípio ontológico do mal, em Deus.

Agostinho fora batizado quando criança na fé Católica, mas durante sua adolescência, devido à dedicação aos estudos, teve acesso à obra de Cícero, *Hortensius* e ficou encantado com a filosofia. Esta foi uma das vias que levou Agostinho a aderir ao maniqueísmo. Mas a principal causa foi a leitura frustrante da Sagrada Escritura que não apresentava o que ele tanto queria. Sendo assim a doutrina maniqueísta mais agradável, pois,

O maniqueísmo apresentava-se como uma doutrina que reunia os dois elementos que Agostinho tanto queria: primeiro, o apreço a sabedoria, pois apresentava-se com o nome de gnose ou ciência, ou uma religião-ciência, capaz de dar uma explicação racional do universo e da vida, principalmente do problema do mal (...). No maniqueísmo a sabedoria-verdade é apresentada como “a *sofha* do Grande Espírito” (COSTA, 2002, p. 46).

Em 373, com dezenove anos de idade, Agostinho passou a se dedicar aos estudos de retórica em Cartago. Ao ter acesso à obra de Cícero estabeleceu uma relação entre conhecimento, sabedoria, filosofia e felicidade. Em *Hortensius*, Cícero aponta a filosofia como único meio que leva o homem ao discernimento do bem e do mal. Após ler a obra ciceriana passou a se dedicar ao estudo da Sagrada Escritura. Acreditava que ali acharia a sabedoria. Nesta literatura ficou decepcionado:

O que senti, quando tomei nas mãos aquele livro, não foi o que acabo de dizer, senão que me pareceu indigno compará-lo à elegância ciceriana. A sua simplicidade representava ao meu orgulho e a luz da minha inteligência não lhe penetrava no meu íntimo (AGOSTINHO, 1996, p. 84).

Após a leitura fracassada e frustrada da Sagrada Escritura, o jovem cai na retórica dos maniqueístas, como ele mesmo afirma: “Caí assim nas mãos de homens orgulhosamente extravagantes, demasiados carnavais e loquazes” (AGOSTINHO, 1996, p. 85).

O conhecimento sensível era o que atraía o jovem ao materialismo maniqueísta. Assim como um barco avança para águas profundas e agitadas, ele deixou ser seduzido pelos maniqueístas:

Naquelas bandejas serviam-me então ficções brilhantes. Já aceitando amar este sol – dos maniqueus, verdadeiro ao menos para os meus olhos, do que estimar estas falsidades – do cristianismo que pelos olhos iludiam a inteligência. Contudo, porque não alimentava-me com aquelas manjaras, mas não avidamente, porque não Vos saboreava na minha boca, tal qual sois nem estáveis naquelas ficções Vós, que, longe de me nutrirem, mas me debilitavam (AGOSTINHO, 1996, p. 85-86).

Agostinho foi seduzido pela retórica dos maniqueístas. Foi enganado sobre a origem da criação e acreditava que Deus era o autor do bem e do mal. Pois, acreditava na doutrina maniqueísta que apenas através da filosofia e na busca da verdade poderia alcançar o Espírito de Luz.

Após a leitura dos acadêmicos e do neoplatonismo, afirma Agostinho:

O principal e quase único motivo do meu erro inevitável era, quando desejava pensar no meu Deus, não poder formar uma ideia dele, se não lhe atribuísse um corpo, vista parecer-me impossível que houvesse alguma que não fosse material (AGOSTINHO, 1996, p. 137).

Devido à influência do maniqueísmo, Agostinho não conseguia distinguir um Deus Invisível e sem forma corpórea, pois acreditava apenas em um deus que continha os princípios metafísicos-ontológicos-corpóreo. Confessa o jovem errante:

Imaginava formas corpóreas. Eu, carne, acusava a carne; eu “espírito errante”, ainda não voltava para Vós. Vagueando, caminhava por quimeras que não existem nem em Vós, nem em mim, nem nos corpos (...). Antes queria defender que a Vossa substância Imutável era coagida a andar errante do que confessar que a minha, mudável, se tivesse desencaminhada livremente, ou vagasse por castigo (AGOSTINHO, 1996, p. 116).

E continua:

Pensava eu, miserável, que na desunião da vida irracional existiria qualquer substância e natureza do sumo mal que não era só substância, senão também verdadeira vida, mas era vida que não proviria de Vós, meu Deus, de quem imaginava todas as coisas. Sem saber o que dizia, chamava aquela unidade “mônada”, como alma sem sexo; a multiplicidade chamava “díade” por ser ira nos crimes e voluptuosidade nas paixões. Não conhecia ainda nem tinha aprendido que o mal não é substância alguma (não-ser, ausência do bem), nem a nossa mente é bem supremo e imutável (AGOSTINHO, 1996, p. 115).

Para os maniqueístas Deus é um ser corpóreo que é ilimitado e infinito. Jesus é uma emanção da luz adormecida na matéria. Ele é um espírito de luz, enquanto homem é carne contaminada pelo pecado. A esse respeito, Philotheus e Gilson (1991), explica:

A visão materialista dos maniqueus que ofuscava o pensar de Agostinho: pela mesma razão encontrava dificuldades inseparáveis perante o problema do mal. Conta-nos, que imaginava a Deus e aos seus anjos como fossem seres corpóreos. Via no universo uma única e imensa massa mole, composta de corpos diversos e grandeza limitada, concebida a Deus como uma substância infinita e imaginava-O a penetrar o universo inteiro, assim como a água penetra uma esponja (PHILOTHEUS. B e GILSON, 1991, p. 145).

Depois de nove anos no maniqueísmo, Agostinho conheceu o Neoplatonismo de Plotino, onde conheceu o Uno, recebeu a noção de Deus como uma luz incorporeal, invisível e espiritual. Percebeu que, do mundo exterior devemos reconhecer o mundo interior:

Foi no neoplatonismo que Agostinho encontrou o que procurava – a experiência da verdade. Comoveu-se da existência de uma realidade supra-sensível, esta é, de um mundo espiritual, e, acima deste, um Deus, verdade segura e Luz Imutável (PHILITHEUS. B e GILSON, 1991, p. 149).

A partir desta ótica o jovem reconhece que Deus é a Luz que está acima da razão e que só podemos atingi-la transcendendo, e logo depois reconheceu o verdadeiro cristianismo através do bispo Ambrósio, se encantou pelo cristianismo. Isso o levou a refletir profundamente a respeito da liberdade humana com a mais profunda ânsia de uma alma que almeja a verdade. Agostinho chega à conclusão:

Todas as coisas que existem são boas, e aquele mal que eu procurava não é uma substância – um ser – pois, se fosse substância seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e, esta era certamente um grande bem, ou seria corruptível, e nesse caso, se não fosse boa, não se poderia corromper (AGOSTINHO, 1996, p. 187).

Após o contato com os clássicos filosóficos e o estudo dos astros, Agostinho se encontra rodeado de dúvidas. Aflito, aguardava a vinda do bispo maniqueu Fausto. Após a conversa fica completamente desiludido com o maniqueísmo: “Agostinho descobre que o maniqueísmo estava alicerçado completamente na fé, mas que está, numa fé infundada, falsa e fantasiosa” (COSTA, 2002, p. 126).

Após sua desilusão do maniqueísmo refletia: se tudo está determinado porque participar de rituais, fazer orações, jejuns, cumprir mandamentos?

Em 375, ele retoma a Tagaste para lecionar gramática e língua. Em 384, foi aprovado em concurso público para *rector*, da cátedra de Milão, de onde partiu para Roma. Encontrava-se em crise maniqueia. Durante sua aproximação de Ambrósio, em Milão, apreende: “que o Deus do cristianismo, Uno e Criador, não forma uma substância corpórea ou material, mas espiritual” (COSTA, 2002, p. 141).

Com Ambrósio, Agostinho descobre que Deus é um ser espiritual, Sumo Bem, Uno, Incorruptível, Imutável e Criador de todas as coisas. E reflete, sendo Deus criador de tudo e tudo que Ele criou é bom, logo, não pode ser Ele o autor do mal. Portanto, de onde provém o mal?

O mal não existe nem para Vós nem para as vossas criaturas, pois nenhuma coisa há fora de Vós que se revolte ou que desmanche a ordem que lhe estabelecesteis. Mas porque, em algumas das suas partes, certos elementos não se harmonizam com outros, são considerados maus. Mas estes coadunam-se com outros, e por isso são bons e bons em si mesmo (AGOSTINHO, 1996, p. 188).

E continua,

Procurei o que era a maldade não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância Suprema – de Vós, ó Deus – e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entranhas e se levanta com intumescência (AGOSTINHO, 1996, p.190).

No período maniqueísta, Agostinho via o mal como uma substância corpórea. Ao ter contato com o neoplatonismo de Plotino descobre que o mal é um acidente, uma deficiência de bem. A este respeito nos esclarece Reale:

Do ponto de vista metafísico-ontológico, não existe o mal no cosmo, mas apenas em graus inferiores de ser em relação a Deus, que dependem da finitude da coisa criada e dos diferentes níveis dessa finitude (REALE. G. e ANTISERI. D, 1990, p. 455).

Em Plotino, Agostinho encontrou a solução para a problemática sobre o que é o mal e a sua origem. O mal não é um ser, mas uma deficiência e uma privação do ser. Agostinho reflete sobre o mal em três níveis: metafísico-ontológico, moral e físico. No metafísico-ontológico, o mal não existe, ele é a privação do bem; o mal moral, é o pecado, ou seja, o abuso da vontade livre ou a má escolha da vontade que nos afasta do Sumo Bem. O pecado está neste movimento da vontade onde escolhemos os bens temporais e negamos os bens eternos. Ele é visto como

afastamento do bem; o mal físico é referente ao mal que recai sobre o corpo, ele tem sua consequencia no pecado original, ou seja, é o peso do pecado que recai sobre o corpo, tornando-o mortal.

Cada um, ao pecar, afasta-se das coisas divinas e realmente duráveis para se agregar às coisas mutáveis e incertas, ainda que estas se encontrem perfeitamente dispostas, cada uma em sua ordem, e realizem a beleza que lhes correspondem (AGOSTINHO, 1996, p. 68).

Conclusão: o mal não é um ser, mas uma deficiência e privação do ser. Ele em si não existe, é uma corrupção do bem. O mal como tal não existe concretamente. Ele é a corrupção que pressupõe certo grau de bondade das coisas criadas.

3 O MAL MORAL: O PECADO

Neste capítulo analisaremos o mal moral como pecado. Este deriva do mal uso da liberdade humana. Teremos como guia mestre a obra *Livre Arbítrio* de Santo Agostinho e a obra de *O Problema do Mal na Polêmica Antimaniqueísta* de Santo Agostinho do autor Marcos R. N. Costa.

Como vimos no capítulo anterior, o mal ontológico não existe, Ele é o não-ser (ausência) ou privação do bem. E sua origem está no pecado praticado pelo homem. Portanto, para explicar o mal moral, Agostinho vê o mal como uma corrupção do bem.

Na obra *Livre Arbítrio*, Evódio questiona Agostinho: é Deus a causa-autor do mal? Para Agostinho, Deus não pode ser o autor do mal, porque ele é o Sumo Bem. Portanto, o autor do mal é o homem que faz mau uso do livre arbítrio e da vontade, naufragando na concupiscência. Para Agostinho, é no abuso da vontade livre que surge o mal, o pecado.

Da ideia do mal como pecado, surge a ideia de justiça, punição, castigo. “As más ações são punidas pela justiça de Deus. Ora, elas não seriam punidas com justiça, se não tivessem sido praticadas de modo voluntário” (AGOSTINHO, 1995, p. 26).

Existe no homem o livre arbítrio que é liberdade. Existe a vontade que o querer e o não queres dentro do ser humano. O homem usando sua razão é capaz de dominar sua vontade. Assim, não pratico o mal porque estava determinado, como afirmavam os maniqueus, mas porque abusei da vontade que livre. Agostinho refuta os dois princípios metafísicos da doutrina maniqueísta de que Deus é o criador do bem e do mal. Se convence que é a vontade livre do homem a fonte do mal.

Diante da realidade que nos circunda, insistimos em questionar qual a causa de tanto mal? Para Agostinho, o mal provém das paixões que dominam a razão, fazendo do homem um ser escravo dos desejos. Como podemos refletir no relato do furto de peras praticado por Agostinho:

Eu quis roubar, não instigado pela necessidade, mas somente (...) pelo fástio da justiça e pelo excesso de maldade. Tanto é assim que furtei o que tinha em abundância e em muito melhores condições. Não pretendia desfrutar do fruto, mas do roubo em si e do pecado (AGOSTINHO, 1996, p. 68).

De fato, quando praticamos o mal, muitas vezes a razão tem consciência que o ato é errado, mas mesmo assim insistimos em praticá-lo.

Ao responder à pergunta de onde vem o mal? Ele procura uma explicação ontológica-filosófica-teológica centrada em Deus. Deus é um Ser Uno e Bom. A essência do mal só pode estar no homem. Surge a explicação: o mal é uma deficiência do bem. Conclui seu pensamento com uma explicação ontológica-ética-filosófica-teológica centrada no homem. O mal está no mau uso da vontade livre. O mal é o abuso da vontade livre que corrompe o bem e desvia para o pecado.

Para Agostinho, o homem é o único animal que tem o privilégio de conhecer, mediante a razão, as leis e normas eternas e imutáveis, e conhecendo-as escolhe por livre vontade entre seguir ou não a divina ordem ou justa ordem.

Conscientes pela faculdade da razão que existe uma justa ordem estabelecida por Deus, o homem deve optar pelo caminho a ser seguido e o caminho para alcançar a felicidade.

Deus ao nos criar deixou impressa sua marca na razão humana. Deus embutiu na mente de cada homem a noção de lei eterna. Esta provém de Deus e é incorruptível e imutável. Já a lei temporal é corruptível e imutável. Portanto, a lei eterna é superior a lei temporal, a primeira pode ser atingida pela contemplação enquanto à lei temporal é convencional, pois nasce da convenção do homem.

Deste modo, para Agostinho, o que torna o homem superior aos demais animais é a razão. “Pois, é no espírito que reside à faculdade pela qual nós somos superiores aos demais animais” (AGOSTINHO, 1995, p. 44).

O homem é superior aos demais animais devido à razão, ou seja, o homem transcende o mundo sensível que se corrompe e atinge o mundo supra sensível, o mundo real das ideias. O homem é um ser composto por corpo e alma. Para Agostinho, a alma se torna prisioneira do corpo. Já o corpo está dividido em três partes: cabeça, peito e baixo ventre. A cabeça é onde reside a razão; o peito é onde se localiza a vontade e paixões; baixo ventre é onde se localiza os prazeres e vícios. Cabe ao homem dotado de razão fazer com que a cabeça-razão domine o corpo; o peito, onde residem a vontade, potencializá-la em coragem; e do baixo ventre, onde residem os vícios, deve ser dominado. Então, explica Agostinho:

Quando a razão, a mente ou o espírito governa os movimentos irracionais da alma, é que está a dominar na verdade no homem aquilo que

preciosamente deve dominar, em virtude daquela lei que reconhecemos como sendo lei eterna (AGOSTINHO, 1995, p. 47).

Para Agostinho, o mal está na transgressão da ordem natural dada por Deus, desviar do bem. E que existe uma ordem objetiva: as leis morais, como nos explica Pholothheus;

Deve viver segundo a justiça; deve-se antepor às coisas superiores e inferiores; deve-se atribuir idêntico valor às coisas sempre que se encontrem num mesmo nível; deve-se dar a cada qual seu valor (PHOLOTHUES B e ETIRNNE G, 1991, p. 188).

O problema central da moralidade está na reta escolha das coisas a serem desejadas. Pois, ao sermos criados por Deus nos deu o livre arbítrio. Usamos dele para escolher entre o bem e o mal. Portanto, a vontade que optar pelo mal, torna-se má, a que escolhe o bem, torna-se boa. A vontade é completamente neutra, pois a vontade é como um pêndulo oscilante:

Quando a vontade abandona as coisas superiores e, se converte às coisas inferiores, torna-se má, não por ser mau desejo o objeto a que se converte, mas por ser má a própria conversão. Portanto, não é a causa da vontade má a ser inferior: ela é que é sua própria causa, por haver apetecido mal e desordenadamente o ser inferior (AGOSTINHO, 1995, p. 67-68).

O livre arbítrio é um bem em si mesmo. Ainda que o homem possa usar mal da liberdade, a sua vontade livre deve ser considerada como um bem. Para Agostinho, Deus deu o livre arbítrio ao homem para que ele viva retamente; usando-o corretamente o homem é considerado reto; usando-o incorretamente se torna injusto. Sem o livre arbítrio o homem não voltaria ao seu criador.

Todo bem procede de Deus. O movimento de aversão ao bem gera o pecado. O mal surge da privação do bem, esta privação do bem acontece acidentalmente:

O pecado voluntário a um estado acidental da desordem vergonhosa, ao qual se segue o estado penal, precisamente para o colocar no lugar que lhe corresponde, para não haver uma desordem dentro da ordem universal. Força o castigo a harmonizar-se o pecado vem a reparar a ignomínia do mesmo (AGOSTINHO, 1986, p. 59).

O mal moral entrou no mundo através do pecado original. Para Agostinho são duas as fontes do pecado; o pensamento espontâneo e a persuasão de outrem. Isso confirma que o mal moral é voluntário. Agir com espontaneidade foi o que levou o

primeiro casal a ser expulso do paraíso. Devido a tal ato entrou no mundo o mal físico com a consequência da morte.

3.1 LIVRE ARBÍTRIO: O HOMEM É RESPONSÁVEL PELOS SEUS ATOS

Segundo Agostinho, a instrução e a disciplina nos ensinam apenas coisas boas e como evitar o mal. De modo que a verdadeira instrução só pode ser usada para o bem.

Deus deu ao homem a inteligência, a faculdade de pensar, que é um bem. Ela nos diferencia dos demais animais. Todo homem que faz bom uso da razão se aproxima da verdade e se torna livre, pois são as escolhas que tornam o homem livre e feliz. Todas as vezes que o homem faz mau uso da razão se afasta da verdade. Este afastamento para Agostinho é uma privação do bem.

O mal moral são as ações más. Essas más ações provêm da vontade desregrada ou paixão. Para Agostinho, a concupiscência tem grande influência na causa do pecado, mas não é ela um pecado. A causa do pecado está no livre arbítrio.

O que faz com que uma ação seja má? O que faz com que uma ação se torne má é a paixão pela qual ela é praticada, ou seja, ao amor desordenado a coisa que é amada ou desejada.

Na obra *Cidade de Deus*, Agostinho afirma que existe no homem a noção de duas leis: a eterna que é inata e a lei temporal. A primeira está acima da segunda porque procede de Deus e é imutável e incorruptível. Ela nos traz a noção de justiça, amor, bondade. A segunda está encarregada de reprimir o mal, em vista de manter a paz entre os homens, embora essa seja corruptível.

Pela razão o homem tende às coisas eternas e tende a refutar as coisas temporais. O homem está entre duas cidades: uma terrena e a outra celeste. A terrena é onde se encontram os homens que se escravizam das coisas mundanas, de tal modo que leva ao desprezo a Deus. E a celeste é o desprezo a si mesmo, almejando as coisas eternas e imutáveis. Portanto, para Agostinho:

Quando a razão, a mente ou espírito, governa os movimentos irracionais da alma, é que está a dominar na verdade o homem, aquilo que precisamente

precisa dominar, em virtude daquela lei que reconhecemos como sendo lei eterna (AGOSTINHO, 1995, p. 47).

O homem, segundo a concepção platônica, é composto de alma e corpo. A alma é prisioneira do corpo, sendo esta superior ao corpo. Somente o homem sábio é capaz de libertar a alma do corpo e ser um homem virtuoso. Agostinho segue este raciocínio: aquele que faz bom uso da razão é capaz de se isentar do pecado e aquele que faz mau uso recai nas paixões humanas e vícios. O corpo escravo dos vícios faz com que a alma se torne carcerária.

O que torna a mente cúmplice da paixão é a vontade e o livre arbítrio. A concupiscência é o mau desejo que ocasiona o pecado, mas não é ela a causa do pecado, o pecado é fruto do livre arbítrio.

É inato a na mente humana a vontade boa. A boa vontade é aquilo que nos faz viver com retidão, honestidade, justiça e caridade. É inato pois o Criador, ao criar o homem deixou sua marca impressa em sua mente. Esta marca é uma das vias para chegar à verdade. Sendo as outras a fé e a revelação.

Para viver livre e controlando a vontade há quatro virtudes cardeais que nos ajudam a viver com retidão: prudência, temperança, justiça e excelência. A virtude é o hábito de fazer o bem ou a disposição de agir bem. É o que faz o homem agir moralmente. Só se torna bom pelo hábito de fazer o bem. Só se é moral agindo moralmente.

Para Agostinho, a “prudência” é o conhecimento das coisas que devem ser desejadas ou evitadas pelo sujeito. No livro *De Libero Arbítrio* Livro I, capítulo XVIII, Parágrafo 27, o virtuoso deseja a boa vontade e nada mais:

Ag. Considera, agora, se a prudência não te parece o conhecimento daquelas coisas que precisam ser desejadas e das que devem ser evitadas. [...] Consideremos, pois uma pessoa que possua essa boa vontade de que nossas palavras vêm proclamando a excelência, já há algum tempo. Ela abraça a ela somente, com verdadeiro amor, nada possuindo de melhor. Goza de seus encantos. Põe, enfim, seu prazer e sua alegria em meditar sobre ela, considerando-a quanto é excelente e o quanto é impossível ela lhe ser arrebatada. Isto é, ser-lhe subtraída, sem seu consentimento. Poderemos duvidar de que tal pessoa se oporá a toda s as coisas que sejam contrárias a este único bem?

Ev. É absolutamente necessário que assim seja.

Ag. Podemos deixar de crer que essa pessoa não esteja também dotada de prudência, ela que vê a obrigação de desejar esse bem acima de tudo e de evitar o que lhe é oposto?

Ev. De modo algum, parece-me alguém ser capaz disso, sem a prudência (AGOSTINHO, 1995, p. 57-58).

Agir com prudência é evitar as coisas desejadas e que devem ser evitadas. Agir com temperança é repreender o nosso apetite às coisas desejadas. Agir com justiça é dar a cada um o que é seu. Após adquirir essas virtudes alcançará a principal virtude, a excelência moral. Para Agostinho todos os homens são capazes de adquirir essas virtudes.

Agostinho segue esse raciocínio de Platão, agir com retidão: prudência, temperança, justiça e excelência é um meio termo para alcançar um fim, que é a felicidade de si mesmo e dos outros. Para Agostinho,

Se por nossa boa vontade amamos e essa mesma boa vontade, preferindo-a todas as coisas, cujo conservação não depende de nosso querer, a consequência será, como nos indica a razão, que nossa alma esteja dotada de todas aquelas virtudes cuja posse constitui precisamente a vida conforme a retidão e a bondade. De onde segue esta conclusão: todo aquele que quer viver conforme a retidão e a honestidade, se quiser por esse bem acima de todos os bens passageiros da vida, realiza conquista tão grande, com tanta facilidade que, para ele, o querer e o possuir serão um só e mesmo ato (AGOSTINHO, 1995, p. 61).

Viver com retidão é viver na cidade terrestre, é desprezar as paixões, os vícios, as vontades, para Agostinho, é o caminho para alcançar a cidade celeste, onde as coisas são eternas, imutáveis. De tal modo que viver almejando as coisas eternas é viver uma vida feliz.

Assim, Agostinho e Evódio, interlocutor de Agostinho no livro *Livre Arbítrio*, chegam a uma conclusão:

Distinguimos também, com clareza suficiente, há duas espécies de realidades, umas eternas e outras temporais. E as duas classes de homens, uns seguindo e amando as coisas eternas e outros, as coisas temporais. Estabelecemos ainda que é próprio da vontade escolher a que cada um pode optar e abraçar. E nada, a não ser à vontade, poderá destronar a alma das alturas de onde domina, e afastá-lo do caminho reto. Do mesmo modo, é evidente ser preciso não censurar o objeto do qual se usa mal, mas assim a pessoa que dele mal se serviu (AGOSTINHO, 1995, p. 67-68).

É próprio de uma alma pervertida e desordenada escravizar-se das coisas mundanas.

Alega Evódio,

Cada um, ao pecar, afasta-se das coisas divinas e realmente duráveis para se apegar às coisas mutáveis e incertas, ainda que estas se encontrem perfeitamente dispostas cada uma em sua ordem, e realmente a beleza que lhes corresponde (AGOSTINHO, 1995, p. 68).

Enfim, Agostinho e Evódio chegam a uma conclusão: “a causa de praticarmos o mal moral, o pecado, tem sua origem no livre-arbítrio de nossa vontade” (AGOSTINHO, 1995, p. 68-69).

Após chegar a essa conclusão surge outra objeção: se o Criador em seu ato de bondade nos concedeu o livre-arbítrio e, sem ele não havia pecado, sendo ele bom ou mal, não é Deus o autor das nossas más ações?

Deus é imutável, incorruptível, a corrupção só pode acontecer nas coisas criadas. Apenas os seres inferiores podem sofrer corrupção. O mal é aquilo que corrompe ou o que contradiz o ser ao não-ser. Portanto, se Deus é o sumo Ser, o mal só pode ser o seu oposto, então, o mal é o não-ser, uma deficiência, acidente por causa da privação do bem.

Para Agostinho, a verdade vive na mente humana. O Criador, ao criar todas as coisas, criou o homem tendo privilégio de ser superior entre toda a criação, por causa da capacidade intelectual. É o único ser a conhecer seu Criador. O Criador, como um arquiteto, deixou a sua marca impressa na mente humana. Deus deixou na mente humana a ideia (noção) de verdade, justiça, amor. O homem que usa corretamente sua razão pode chegar à verdadeira Sabedoria, Deus. Quem ignora essa verdade é ignorante e vive uma vida infeliz, conforme Agostinho:

Infelizes daqueles que se afastam de tua luz e mergulham com delícia na própria obscuridade! Será como se voltasse às costas para ti, ó Sabedoria! E precipitam em suas obras carnis, como na própria sombra. Entretanto, isso mesmo que lhe causa prazer é apenas inadição de tua luz. Mas essas sombras que amam tornam o olhar da alma débil e incapaz de gozar de tua vista. É porque o homem afunda mais e mais nas trevas, à medida que abraça com mais gosto aquilo que sua fraqueza adapta-se com mais facilidade. Começa assim a menosprezar o Ser Supremo, e a não mais julgar como mal tudo o que engana a imprevidência, seduz sua indigência ou atormenta a sua escravidão (AGOSTINHO, 1995, p. 130-131).

A vontade livre é um meio termo, por isso, ela pode tender às coisas imutáveis como para as coisas mutáveis. Ele continua a explicar que,

A vontade obtém, no aderir ao Bem imutável e universal (...). Em contraposição, ela peca, ao se afastar do Bem imutável e comum, para se voltar para seu próprio bem particular, seja exterior, seja inferior. Ela volta-se para seu bem particular, quando quer ser senhora de si mesma, para um

bem exterior, quando se aplica a apropriar-se de coisas alheias, ou de tudo o que lhe diz respeito; e volta-se para um bem inferior, quando ama os prazeres do corpo (AGOSTINHO, 1995, p. 141).

Para Agostinho o homem é um ser composto de alma e corpo; sendo a alma eterna e imortal e o corpo finito e mortal. O corpo, devido ao pecado cometido, fica sujeito à corrupção. Portanto, por causa da vontade livre da alma o corpo sofre alterações, padecendo dia após dia. A alma que pelo gozo material abandona a Deus tende ao nada e esse nada é o mal. O mal moral é sempre um ato voluntário, caso contrário não fosse assim não haveria o pecado.

O mal moral, o pecado, é fruto da alma viciada, é fruto da vontade que tende para o mal,

As diversas belezas das coisas temporais, filtrando-se por meio das sensações carnis, arrancam o homem decaído da unidade de Deus, introduzindo-o na multiplicidade de afetos efêmeros. Daí se origina essa abundância laboriosa em copiosa indigência, que faz o homem ir atrás de uma coisa e outra, sem se reter em nada (AGOSTINHO, 1995, p. 73).

Portanto, o mal é fruto da vontade livre. Agora, surge outra interrogação: se o mal moral é o pecado, o que é o pecado? Explica-nos Costa que

Primeiro; Agostinho parte do princípio de que, no universo criado e governado por Deus há graduação de valores ou de perfeições, tanto entre Deus – Sumo Bem – e o seres criados, como os seres criados uns em relação aos outros, que recebem seu grau de bondade por participação naquele – Deus; segundo, que, entre os seres criados, o homem ocupa um lugar privilegiado ou superior, por ser o único ser que possui razão ou inteligência, que o torna conhecedor da “ordem divina”, e por conta disso (terceiro), pode escolher livremente entre segui-lo, contribuindo, assim, para a reta ordem, ou desrespeitá-lo, gerando a desordem – pecado ou mal. O que significa dizer que o mal aparece como uma transgressão culposa ou pecaminosa da ordem divina por parte do homem (COSTA, 2002, p. 282-283).

De acordo com Agostinho, ninguém está forçado a pecar, nem por sua própria natureza que tem a inclinação para o mal, devido ao pecado original, nem pela natureza do outro, ou seja, o poder de persuasão do mais eloquente. Sendo assim, o homem peca por sua própria vontade.

Assim como para Platão, Agostinho parte da ideia que existem dois mundos: um mundo inteligível que se atinge pela razão, onde se compreende a ordem divina

ou justa ordem que provém da lei eterna, e existe o nosso mundo sensível onde nos aprisionamos nas paixões e vícios mundanos.

No entanto, para Agostinho, o homem é um ser para Deus. Ele caminhando rumo a Deus alcançará a felicidade. A finalidade última do homem é a cidade de Deus, ou seja, a felicidade eterna. Para se alcançar a felicidade eterna o livre arbítrio fica sujeito da obrigação moral. Assim, a vida moral consiste no autodomínio dos atos individuais e escolhas. Então, o problema do mal está na escolha da coisa amada e na medida que essa coisa é amada. Em suma, para Agostinho, a única coisa que deve ser amada é Deus.

O amor é a força motriz da moralidade. Ele é um movimento e sempre um movimento para um objeto. A perfeição moral consiste em amar a Deus, em dirigir a vontade a Deus e em colocar toda a potência, sentido naquela direção. Nos explica Costa:

O mal moral que se traduz pela ação culposa do homem – o pecado (...). A causa das coisas boas é a bondade divina, enquanto a causa do mal é a vontade criada, que escolhe livremente afastar-se do Bem imutável e infinito. O mal é, pois, um renunciar à essência ou ordem, é um tender ao não-ser ou desordem. É uma privação da reta ordem, por parte da vontade livre (COSTA, 2002, p. 304-305).

Concluimos que o mal moral tem sua origem no livre arbítrio de nossa vontade. Ele é o não-ser, que é o distanciamento do bem através da vontade livre. Afirma Agostinho no livro Cidade de Deus, “ninguém busque, pois, a causa eficiente da má vontade. Tal causa não é eficiente, mas deficiente, porque a má vontade não é eficção, mas defecção” (AGOSTINHO, 1990, p. 69).

4 O MAL FÍSICO E A MORTE: consequência do primeiro pecado

Neste capítulo iremos tratar do mal físico como consequência do pecado, o mal que recai como uma pena. Não iremos tratar a respeito do mal físico que recai sobre o inocente (um político corrupto que desvia dinheiro público de um hospital de câncer para benefício próprio e estes vêm a óbito), ou seja, o pecado na dimensão social em si. Embora seja um tema pertinente desenvolverei esse tema em um outro trabalho de Teologia.

Desde a queda do primeiro homem, pecado de Adão, o homem ficou sujeito a males físicos e a morte, pois, antes do pecado foram criados em estado de justiça e santidade.

Deus dotou o homem de razão e liberdade. Usando da liberdade encheu-se de soberba preferindo o pecado. Diante do pecado, o homem pensou que “poderia tornar-se como Deus” (Gn 3, 5). Assim como no mito da Caixa de Pandora¹ de Hesíodo, a mulher, Pandora, por curiosidade e desobediência, abre a caixa. De lá saem todos os tipos de males, mas fica apenas a esperança. Assim como no poema bíblico da Criação, o homem criado do pó, após a desobediência, “é pó e ao pó retornarás” (Gn 3, 19 e Ecles 12, 7).

Sendo um ser corpóreo, o homem está sujeito à corrupção e a deteriorização.

Reflete Agostinho:

¹ A caixa de Pandora é um mito grego no qual a existência da mulher e dos vários males do mundo são explicados. Tudo começa quando Zeus, o deus de todos os deuses, resolveu arquitetar um plano para se voltar contra a ousadia de Prometeu – que entregara aos homens a capacidade de controlar o fogo. Para tanto, Zeus decide criar uma mulher repleta de dotes oferecidos pelos deuses e a oferece a Epimeteu, irmão de Prometeu.

Antes disso, Prometeu recusou a jovem Pandora de Zeus temendo que ela fizesse parte de algum plano de vingança da divindade roubada. Ao aceitar Pandora, Epimeteu também ganhou uma caixa onde estavam contidos vários males físicos e espirituais que poderiam acometer o mundo. Desconhecedor do conteúdo, ele foi somente alertado de que aquela caixa não poderia ser aberta em nenhuma hipótese. Com isso, o artefato era mantido em segurança, no fundo de sua morada, cercado por duas gralhas barulhentas.

Aproveitando de sua beleza, Pandora convenceu o marido a se livrar das gralhas que lhe causavam espanto. Após atender ao pedido da esposa, Epimeteu manteve relações com ela e caiu em um sono profundo. Nesse instante, não suportando a própria curiosidade, Pandora abriu a caixa proibida para espiar o seu conteúdo. Naquele momento, ela acabou libertando várias doenças e sentimentos que atormentariam a existência do Homem no mundo. Zeus assim concluía o seu plano de vingança contra Prometeu.

Logo percebendo o erro que cometera, Pandora se apressou em fechar a caixa. Com isso, ela conseguiu preservar o único dom positivo que fora depositado naquele recipiente: a esperança. Dessa forma, o mito da Caixa de Pandora explica como o Homem é capaz de manter-se perseverante mesmo quando as situações se mostram bastante adversas. Além disso, esse mesmo mito explora a construção da identidade feminina como sendo marcada pela sensualidade e o poder de dissimulação (<http://www.brasilecola.com/mitologia/a-caixa-pandora.htm>. Acesso em 22 out. 2015).

Desde o instante em que começamos a existir neste corpo mortal, jamais deixamos de tender para a morte. Tal é a obra da mortalidade durante todo tempo: tender para a morte. Antes de chegar à morte, não é moribundo, mas vivente, chegada à morte, já será morto, não moribundo. Do mau emprego do livre arbítrio originou-se uma série de desventuras, que deste princípio viciado, como se corrompido na raiz o gênero humano, arrastaria todos, em concatenação de misérias, ao abismo da morte. O corpo, procedente da terra, a ela não retornaria senão pela morte, que lhe sobrevivem quando se vê privado de sua vida, ou seja, da alma (AGOSTINHO, 1991, p. 104).

Desprezando a vontade de Deus, o homem não pode fazer da sua vontade senão perniciosa e assim aprende a deleitar-se ao próprio vício. Amando-se a si mesmo, entregando-se a si mesmo e, por isso, acabrunhado de temores e tristezas, reconhece seus crimes. Assim, a causa do pecado tem sua origem na alma, não na carne, e a corrupção contraída pelo pecado não é o pecado, mas efeito do pecado. A partir desta ótica, o pecado não é uma substância, mas um acidente, um defeito, uma ausência de bem. Destarte, o mal, e seu efeito, o pecado, constituem fundamentalmente uma desordem.

Eis para muitos um mistério: como reconciliar a bondade de Deus e o mal existente no mundo?

O maniqueísmo afirmava que o mal existe como é uma substância corpórea. Sabemos que o mal existe realmente, então como Agostinho reconciliou este mal existente com a incorruptibilidade de Deus? Para ele, Deus é o Sumo Bem e todas as coisas criadas por Ele são boas. Apenas diferenciam em graus de perfeição ou ordem natural:

Entre os seres que têm algo do Ser e não são o que é de Deus, seu ator, os viventes são superiores aos não viventes (minerais), como os que têm forças generativas ou apetites aos que carecem de tal faculdades (animais irracionais que agem pelos instintos). E, entre os viventes, os senscientes (homens) são superiores aos que não tem aos senscientes, como a árvore, os animais. Entre os senscientes, os que têm inteligência são superiores aos que não tem, como os animais, os homens. E, ainda, entre os que têm inteligência, os imortais são superiores aos mortais, como os homens os anjos (AGOSTINHO, 1991, p. 35-36).

Agostinho, com a influência do neoplatonismo e sua adesão ao cristianismo, afirma que a criação do Cosmo veio do Uno através do *Ex nihilo*. Por esta razão, o mal não veio de Deus, o mal surgiu do livre-arbítrio, ou seja, da vontade livre que se afasta do Bem, Deus. Do movimento de aversão do Sumo Bem se origina o pecado, a falta. Consequência desta falta, o homem fica sujeito à punição, ou seja, ao

castigo. Destarte, o homem fica sujeito a receber o mal físico. Não no sentido que seja Deus que o puna, mas é o efeito da causalidade do mal.

Deste modo, podemos elencar: se sou levado pela vontade desregrada do vício de beber cerveja em excesso, logo estou sujeito a receber os males que da vontade desregrada me provêm. Portanto, para o Bispo de Hiponia, o mal não estava presente na Criação do Universo, mas sim, entrou na criação através do abuso da liberdade que cede a vontade. O mal está completamente centrada no homem.

De acordo com Agostinho, no diálogo com Evódio, em Livre-Arbítrio, o homem é criatura perfeita, mas em graus de perfeição inferior ao seu Criador. Sendo assim, o homem fica sujeito a deterioração, a corrupção. O homem ao vir ao mundo, entra no mundo manchado pelo pecado. Ao se afastar do Criador recai no pecado, e a consequência do pecado o homem fica sujeito a doenças, morte... Na visão Agostiniana, o mal físico é uma pena da justiça de Deus, pois se Ele não punisse os injustos, logo não seria justo e o injusto não se converteria.

Para Agostinho, é nas criaturas que se dá a privação do bem ou a perversão da ordem do ser, pois o ser é movido para o bem e do movimento inverso ou afastador do bem recai na falta. A esse respeito, afirma Costa: “Não há espaço para o mal físico na cosmologia agostiniana. Ele vai aparecer em sua ontologia, causando sofrimentos aos seus indivíduos, seus provocadores” (COSTA, 2001, p. 274-275).

É bom lembrar que no período arcaico, o mal físico era visto como um castigo de Deus devido à perversão do bem ou da ordem. Uma criança que nascia deficiente era vista como castigada por uma falta de seus pais.

Na ontologia agostiniana podemos ver a partir de uma ótica diferente, ou seja, vemos o mal sofrido (físico) não centrado em Deus, mas sim, centrado no homem. O homem torna-se responsável pelo mal praticado. Refutando assim a ótica maniqueísta que defendia que o mal era algo já determinado e sua origem estava contida na vontade de Deus, tudo predestinado. Na ótica agostiniana, o mal físico é consequência do mal moral e, sendo o homem responsável por ambos. Assim, o mal moral fica completamente fora da ontologia cosmológica da Criação do Universo. O Criador criou a partir do nada e tudo ordenado. O mal moral causa desordem e a desordem causa deteriorização.

Será o mal moral uma justificativa para a morte?

Segundo a Sagrada Escritura:

lahweh plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou que havia modelado. lahweh fez brotar do solo todas as espécies de árvores formosas de ver e comer. Além disso, colocou a árvore da vida no meio do jardim... (Gn 2,8-9)

E continua:

lahweh tomou o homem e o colocou no jardim de Éden, para que o cultivasse e o guardasse. E lahweh ordenou ao homem: “você pode comer de todas as árvores do jardim, mas não pode comer da árvore da vida, porque no dia que dela comer, com certeza morrerá (Gn 2, 15-17).

Adão e Eva, de acordo com a Revelação na Sagrada Escritura, ao comerem da árvore da vida pensaram em ser como deuses. Como afirma Agostinho, o orgulho é a causa de todos os males.

A chave para todos os tipos de males está no livre-arbítrio. Analogicamente, é como um jogo de bilhar (causa e efeito); pratico o mal moral e estou sujeito a receber o mal físico.

Na razão humana está contida a inteligência e a vontade. O homem livre deve fazer sua inteligência dominar suas vontades, pois, o ser humano é dividido entre o querer e o não querer. A má vontade existe no homem, devido ao pecado original, mas ele põe em prática se assim ele o quiser, pois é um ser racional capaz de dominá-la. Eis porque só é dado justo castigo aos efeitos voluntários. Como nos explica Agostinho: “A corrupção que acabrunha a alma, não é a causa do primeiro pecado, mas o castigo, nem a alma pecadora é que fez a alma pecadora, e sim a alma pecadora que fez a carne ser corruptível” (AGOSTINHO, 1990, p. 134).

O pecado original foi cometido pela soberba e sua consequência é os males e a morte. Mas Deus não deixou o homem à mercê, como afirma em Genesis, Deus vem em nosso auxílio com sua Graça. A Graça é um dom de Deus, um auxílio na luta contra o pecado.

O mal moral pode gerar a consequência do mal físico: homicídio, iniquidade, desordem, injustiça, guerras, corrupção, doença, morte... O mal físico está presente e o comprovamos ao longo da história. No entanto, para Agostinho, o mal não passa de um acidente, uma deficiência de bem, que acontece na matéria. A consequência do pecado original é a morte. Para Agostinho:

Pela misericórdia inefável de Deus, a pena dos vícios vem a ser instrumento de virtude e o suplício do pecado se torna merecimento justo. Então, se adquire a morte, pecando; agora se aperfeiçoa a justiça, morrendo. Isso, todavia, aplica-se aos Santos mártires, a quem se dispunha a disjuntiva: desertar fé ou sofrer a morte, porque os justos preferem padecer, crendo, o que os pecadores padecem por não crer (...). A culpa é daqueles que acarretou a pena, a pena destes previne a culpa. E isso, não porque a morte, que antes foi mal, se haja transformada em bem, e sim porque Deus concedeu à fé a graça de que a morte, contrária a vida, liga passado a ser ponte que conduz a vida (AGOSTINHO, 1991, p. 100-101).

O mau uso da liberdade e a adesão à vontade desregrada é a causa do mal físico. Deus deu ao homem o livre arbítrio para usá-lo para o bem. Dessa forma, o castigo é a justiça que recai sobre o homem. De acordo com Agostinho: “Quando Deus castiga o pecador, o que te parece ele não diz senão estas palavras: ‘Eu te castigo porque não usaste de tua vontade livre para que eu concedi a ti? Isto é, para agir com retidão” (AGOSTINHO, 1995, p. 75).

O pecado original corrompeu fisicamente o corpo de Adão, e tal corrupção foi transmitida para seus descendentes até chegar a nós que também transmitiremos. De acordo com COSTA:

Com o pecado original temos no mundo seus prejudicados que são ativamente malevolentes, exercendo sua má vontade ao mundo, fazendo o negativo parecer positivo, o não-ser parecer ser, através de suas ações concretas. Portanto, devemos temer o mal, não como abstrato, mas como algo concreto, que destrói ou corrompe o próprio homem e o universo (COSTA, 2002, p. 369).

O bispo de Hiponia vê o pecado original como condição necessária para a graça Redentora. O mundo tem necessidade de médico para curar suas feridas, provocadas pelo mal moral. É quem senão o Verbo de Deus. Para Agostinho a graça é algo sobreposto à natureza descaída, uma ajuda ao livre arbítrio do homem, para que possa cumprir a lei e viver retamente.

Destarte, de acordo com Agostinho, os homens são todos infelizes enquanto permanecerem sujeitos à morte, torna-se necessário um mediador que não seja apenas homem, mas que seja também Deus.

A morte consiste na ruptura da união existente entre alma e corpo: às vezes, um só ferimento do corpo ou rápido vôo da alma atalha essa agonia e não permite senti-lo, antecipando-se a hora da morte. Seja qual for, por conseguinte, a crise em que a dolorosa separação acompanha a sensibilidade que se retira, o sofrimento

piadoso e resignado aumenta o merecimento da paciência, porém, não exclui a pena, a morte. Assim, sendo a morte a pena que nasce do pecado, como ramo do tronco, se mede a piedade pela justiça, transformando-se em glória do que renasce e sendo retribuição do pecado, mesmo que às vezes nada se apareça ao pecador.

Segundo o pensador hiponense, por desejar honra e glória o homem se corrompe. Caindo na soberba. O mal moral, pois, é a causa do mal físico. Como afirma Agostinho:

Com efeito, as naturezas corrompidas pelo vício de má vontade são más, é certo, como viciosas, mas como natureza, são boas. Enquanto natureza viciosa é castigada, além da natureza, é bom também não ficar impune (AGOSTINHO, 1990, p. 64).

E continua,

Se se busca a causa eficiente de semelhança má vontade não se encontra (...). A má vontade é, por conseguinte, a causa eficiente de toda obra má, porém, nada é cauda eficiente má vontade. Porque, se é algum ser, tem vontade ou não tem (AGOSTINHO, 1990, p. 67).

Então, todos pecaram e pecam, por isso, estamos sujeitos a sofrer doenças, dores, sofrimentos... A corrupção que o corpo sofre é como um processo de purgatório em que se dá o processo de separação entre alma e corpo. Com a morte é chegado o fim dos sofrimentos e dos pecados. Com a morte se dá a transição da alma: a alma sai da cidade terrena para habitar na cidade de Deus.

Concluimos que a liberdade está na escolha das coisas a serem escolhidas. A vontade em meu querer e não querer. O pecado está no amor desordenado as coisas que é amada. A morte é o libertar-se de todas amarras do corpo.

A razão é a faculdade que nos faz superior aos demais animais. Ela regula a liberdade, a vontade e o afastamento do mal moral. A razão que adere a má vontade se torna viciada e distancia-se do Sumo Bem. A razão que age com retidão aproxima da verdade e encontra paz no Criador.

A alma viciada provoca desordem e desta desordem faz com que fique sujeito a recair sobre o corpo os males corpóreos. As doenças, dores, sofrimentos são meios para purificar e converter a alma pecadora, viciada.

O mal físico faz com que a vontade livre volte para o Sumo Bem. Portanto, a pena faz com que a desordem se converta em ordem e se aproximo do Sumo Bem.

A morte é mais forte que o pecado. É a vitória sobre o pecado e a purificação eterna da alma.

O mal ontológico é causado pelo mal uso da liberdade humana, que converge a ordem para a desordem. O mal moral é transgressão da retidão e da verdade. O mal físico é a consequência do mal moral. E o mal é a deficiência do bem.

5 CONCLUSÃO

Não há dúvida que a liberdade é um dos mais belos dons que Deus concedeu a nós, seres humanos. Quando Deus nos criou, nos amou tanto que nos deixou livres para acolhê-lo ou recusá-lo. A história da salvação comprova que o homem se distancia de Deus e Deus vai ao seu encontro. Em outras palavras, como em Adão e Eva, Deus permite que o homem se esconda (vergonha do pecado) e Ele vai ao seu encontro implorando amizade. A liberdade que se distancia do Sumo Bem é a mesma que o faz regressar ao seu encontro.

O homem, por ser uma criatura contingente, deveria render graças ao seu Criador. Não satisfeito pela condição de criatura, quis tornar-se como Deus. Ou seja, o homem gosta de brincar de Deus. Devido a essa ambição e desobediência, praticada pelo primeiro homem, reina no mundo o mal e a morte. Por causa do primeiro pecado todos foram manchados e estão sujeitos ao mal e a morte.

Deus, por seu amor incomensurável, mandou seu Filho para livrá-los de tal mal. Assim, a morte não é mais uma derrota, mas uma vitória. Se devido ao pecado de Adão reinou no mundo a morte, agora, com o Novo Adão, Cristo, reina a vitória sobre a morte.

Agostinho analisou a presença do mal em três níveis: mal ontológico, mal moral e mal físico. Entretanto, chegou à conclusão de que, o mal é ausência de bem ou perversão do bem.

a) O Mal ontológico não existe, ele não é uma substância, é o acidente do bem, é uma criação da criatura. Ele é uma privação, um movimento de aversão do bem.

b) O mal moral é o pecado. O homem rende-se às suas paixões e distancia-se do Sumo Bem. Este movimento de distanciamento é o pecado, preferir o mal que o bem. Em suma, o mal moral é o amor desordenado às coisas criadas. É o amor à cidade terrena e o desprezo a cidade de Deus.

c) O mal físico é a consequência do mal moral que recai sobre o corpo. Devido ao pecado, o homem tornou-se mortal. Desde o momento que sai do ventre materno tende a morte. O homem virtuoso sabe que as pedras vivas, empregadas na construção da cidade celeste, Jerusalém, devem ser polidas neste mundo pelos

golpes e aflições e que as tribulações são necessárias para se passar para a suprema glória celeste.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIOGRAFIA BÁSICA

AGOSTINHO. *A cidade de Deus I* (contra os pagãos). São Paulo: Vozes, 1990.

AGOSTINHO. *A cidade de Deus II* (contra os pagãos). São Paulo: Vozes, 1991.

AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987.

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

AGOSTINHO. *Livre Arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.

BIOGRAFIA SECUNDÁRIA

ABBAGNANO. N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ARISTÓTELES. *A ética a Nicômacos*. Brasília: UNB, 2001.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2. impr. São Paulo, 1985.

BOEHNER. P e GILSON. E. *História da filosofia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1991.

CHAUÍ. M. *Convite a filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA. R. M. N. *O problema do mal na polêmica antimaniqueia de Santo Agostinho*. Porto Alegre: Unicap e Edipucrs, 2002.

EVNAS. G. R. *Agostinho sobre o mal*. São Paulo: Paulus, 1995.

GRACIANO. J. *A relação entre Deus e o mal*. São Paulo: Saraiva, 1998.

GESCHÉ. A. *O mal*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PHILOTHEUS. B e ETIENNE. G. *A história da filosofia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1991.

REALE. G e ANTISERI. *A história da filosofia. Vol. I*. São Paulo: Paulus, 1990.

SANFORD. A. John. *Mal, o lado sombrio da realidade*. São Paulo: Paulinas. 1988.